

Envelhecimento da população em Vitória, Espírito Santo (Brasil)*

Aurélia H. Castiglioni*

Palavras-chave: Envelhecimento populacional, indicadores de envelhecimento, conseqüências do envelhecimento populacional.

Resumo

Este estudo focaliza o processo de envelhecimento de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo – Brasil - e de seus bairros. A pesquisa parte de uma visão do processo no mundo, da América Latina, e vai progressivamente focalizando sua área de análise no Brasil, no Espírito Santo, no Município de Vitória e seus Bairros. Para esses contextos foram construídos, analisados e comparados vários indicadores que mostram os níveis, o percurso, as conseqüências e as tendências deste processo, que se apresenta atualmente como um dos principais vetores de mudança e de transformação da sociedade. Os resultados obtidos neste estudo constituem subsídios para a promoção de projetos e programas dirigidos para as transformações produzidas pela "revolução grisalha" que representa uma importante conquista social, mas que traz consigo importantes implicações e desafios para a vida econômica e social das comunidades, induzindo mudanças nas demandas econômicas e sociais, em especial nos sistemas de saúde e de previdência social.

* Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Córdoba - Argentina, de 24 a 26 de Setembro de 2008.

* Apoio: Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia - Prefeitura Municipal de Vitória; Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - FAPES

* Universidade Federal do Espírito Santo Brasil - Aurelia.castiglioni@gmail.com

Envelhecimento da população em Vitória, Espírito Santo (Brasil)*

Aurélia H. Castiglioni*

1- A revolução grisalha

O século XX, em particular sua segunda metade, foi marcado, no âmbito demográfico, por importantes transformações que ocorreram no crescimento e na composição da população, caracterizadas pela redução do segmento de crianças e de jovens adolescentes e pelo aumento da representação das idades mais elevadas.

O envelhecimento da população é um processo altamente positivo, que se traduz em ganhos de expectativa de vida (United Nations, 1954; Caselli e Vallin, 1990; Wong, 2001). No entanto, o aumento da longevidade traz importantes implicações e desafios para a vida econômica e social das comunidades (Légaré, 2004). Crescem as necessidades de oferta de cuidados médicos e sociais especializados, o que implica nos custos crescentes dos programas de saúde pública, na estruturação de instituições para abrigo de idosos, na assistência social e psicológica, na criação de estabelecimentos que ofereçam produtos de consumo e atividades de lazer voltados para este grupo, na promoção de novas alternativas para inserção de idosos na educação e no trabalho. Novos modelos e alternativas devem ser pensados frente aos custos crescentes do sistema previdenciário.

O alongamento progressivo da expectativa de vida induz o crescimento do número de idosos da “quarta idade”, composta por pessoas dependentes e aporta desafios de maior complexidade, para os quais a sociedade não está preparada. Um importante questionamento com relação ao envelhecimento refere-se ao limite de idade que a vida humana pode atingir, mantendo sua qualidade.

2- Envelhecimento da população: conquista social

As disparidades na distribuição de riqueza entre as regiões do mundo são as maiores causas da desigualdade dos níveis de vida entre os povos, bem traduzida por seus indicadores demográficos. A comparação da duração da vida dos países do globo mostra que, enquanto uma criança nascida no Japão tem a expectativa de viver, em média, 82 anos, as que nascem nos países mais pobres têm este valor reduzido para menos do que a metade: a duração de vida é 33 anos na Suazilândia, de 34 em Botswana e 36 no Lesoto (PRB, 2007).

Para demonstrar as ligações do índice de envelhecimento com indicadores sócio-econômicos foram considerados indicadores publicados pelo PRB, Population Reference Bureau, para os países do mundo e o IDH publicado pelas Nações Unidas (United Nations, 2007).

As correlações feitas com dados de todos os países com informações disponíveis, mostram que a duração da vida está estreita e positivamente relacionada aos indicadores do processo de desenvolvimento. O comportamento do indicador de longevidade apresenta tendência inversa às dos indicadores que caracterizam a situação demográfica das primeiras fases da transição

* Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Córdoba - Argentina, de 24 a 26 de Setembro de 2008.

* Universidade Federal do Espírito Santo Brasil

Aurélia.castiglioni@gmail.com

demográfica: altas taxas de natalidade (r: -0,755), de crescimento natural (r: -0,827), de mortalidade infantil (r: -0,610), de fecundidade total (r: -0,701) e elevada proporção de crianças na população (r: -0,867). As relações são positivas quando se considera indicadores relacionados ao processo de desenvolvimento: IDH – Índice de Desenvolvimento Humano (r: 0,650), esperança de vida masculina (r: 0,571), esperança de vida feminina (r: 0,621), proporção de mulheres casadas, de 15 a 49 anos, que utilizam métodos contraceptivos (r: 0,478) e taxa de urbanização (r: 0,450)¹.

O método de Análise de Componentes Principais foi aplicado com o objetivo de reduzir as relações contidas na matriz que apresenta os valores de 9 indicadores selecionados para os países do mundo². O método permite condensar as informações aportadas por um grupo de variáveis explicativas, transformando-as em um número mais restrito de novas variáveis, os fatores, limitando, da melhor maneira possível, a perda e a redundância da informação (Pèpe e Tisserand-Perrier, 1962 ; Volle, 1985 ; Blanxart, 1992). Os resultados obtidos mostram que a informação sobre os diversos países do mundo, com relação às 9 variáveis, é bem representada pelo primeiro fator, que sozinho resume 75,8% da informação total (Duchene e Wunsch, 1980). (Tabela n.º. 1).

Tabela n.º. 1. Proporção da variância explicada pelos 5 primeiros fatores – ACP

Fatores	% da variância	Variância acumulada %
1	75,81	75,81
2	13,52	89,33
3	5,57	94,89
4	3,34	98,23
5	0,84	99,08

O primeiro fator é caracterizado pelas relações que opõem desenvolvimento e subdesenvolvimento (Tabela n.º. 2)³. O fator 1 é determinado pelas variáveis que caracterizam, com seus valores positivos, as regiões desenvolvidas: o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, a esperança de vida ao nascimento feminina e masculina, o índice de envelhecimento e a taxa de urbanização⁴. Em contraposição, no eixo negativo, associam-se as variáveis que indicam baixos níveis de desenvolvimento: taxa bruta de natalidade, taxa bruta de mortalidade, taxa de fecundidade total e proporção de população com menos que 15 anos, correlacionadas negativamente com este fator.

¹ Segundo Pierre George: “A mais importante das fontes de desigualdades entre homens é hoje o lugar de seu nascimento. Segundo as possibilidades de vida de cada país, um nascimento tem um significado particular, abrindo perspectivas de vida mais ou menos longa, de condições de vida diferenciadas” (George, 1986).

² Foram eliminados os países com pequenas populações e aqueles que não apresentavam valores para as variáveis selecionadas. Algumas variáveis importantes não foram utilizadas porque faltavam dados para muitos países, como é o caso da Taxa de Mortalidade Infantil..

³ As saturações representam o grau de correlação existente entre as variáveis iniciais e as variáveis criadas, os fatores, que podem ser interpretados a partir da significação conhecida das variáveis iniciais. A partir das variáveis que resume, o fator pode ser nomeado, segundo a dimensão do fenômeno que ele representa.

⁴ O IDH representa três dimensões: a duração da vida, a instrução e a renda. Embora a duração da vida faça parte do conjunto de variáveis consideradas, o indicador foi incluído na análise por conter informações suplementares, correspondentes às outras duas dimensões, consideradas relevantes para a análise em foco.

Para ilustrar a importância da contribuição dos países para a formação do fator 1, assim como o sentido de suas relações, a tabela nº. 3 mostra os países com os maiores escores, positivos e negativos e países da América Latina. Os primeiros são aqueles nos quais os níveis do Índice de envelhecimento variam no mesmo sentido dos níveis das variáveis que indicam nível de vida elevado, enquanto que os países que apresentam os valores negativos mais elevados, todos situados na África, são caracterizados por contextos pouco desenvolvidos. A maior parte dos países da América Latina apresenta valores intermediários com relação à combinação de variáveis expressas pelo primeiro fator.

Tabela nº. 2. Saturações das variáveis sobre os dois primeiros fatores

Variáveis	Componentes	
	1	2
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano	0,965	0,000
Proporção de População de 65 anos ou +	0,764	-0,543
Esperança de Vida - Homens	0,924	0,313
Esperança de Vida - Mulheres	0,946	0,241
Taxa de Urbanização	0,750	0,101
Taxa Bruta de Natalidade (por mil)	-0,945	0,209
Taxa Bruta de Mortalidade (por mil)	-0,620	-0,763
Taxa de Fecundidade Total	-0,924	0,173
Proporção de População < 15 anos	-0,930	0,316

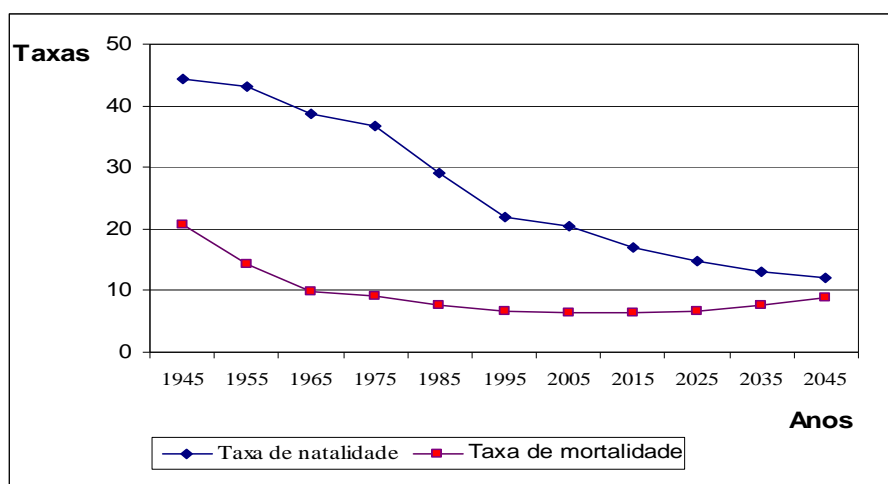
Tabela nº. 3. Contribuições dos países para a formação do Fator 1. Países com os maiores escores positivos e negativos, e países da América Latina.

Classificação	Países	Escore	Classificação	Países	Escore
1	Japan	1,515	75	Suriname	0,319
2	Italy	1,378	78	Dominican Republic	0,283
3	Germany	1,351	79	Ecuador	0,262
4	Spain	1,345	80	Trinidad and Tobago	0,250
5	Belgium	1,315	90	El Salvador	0,107
6	Switzerland	1,307	91	Paraguay	0,030
7	Sweden	1,281	95	Nicaragua	-0,027
8	Austria	1,277	98	Honduras	-0,100
9	Singapore	1,265	99	Guyana	-0,106
10	Greece	1,265	104	Bolivia	-0,251
11	Australia	1,263	109	Guatemala	-0,371
12	Canada	1,258	118	Haiti	-0,764
28	Cuba	0,981	149	Niger	-1,701
37	Chile	0,909	150	Burkina Faso	-1,718
38	Uruguay	0,903	151	Mozambique	-1,719
49	Argentina	0,722	152	Chad	-1,733
50	Costa Rica	0,714	153	Sierra Leone	-1,784
60	Mexico	0,527	154	Burundi	-1,811
61	Panama	0,516	155	Uganda	-1,838
63	Brazil	0,489	156	Congo, Dem. Rep. Of	-1,908
64	Venezuela	0,454	157	Zambia	-1,908
70	Colombia	0,409	158	Malawi	-1,961
71	Jamaica	0,382	159	Guinea-Bissau	-1,970
73	Peru	0,330	160	Angola	-2,008

3- O processo de envelhecimento demográfico no Brasil

O Brasil encontra-se atualmente em processo de envelhecimento, o que expressa que o nível de vida do brasileiro está se elevando (Moreira, 2001; Camarano, 2002; Wong, 2001). Na segunda metade do século iniciou-se a queda da natalidade, com diminuição gradativa das taxas de crescimento natural, de 2,90% na década de cinquenta a 1,42% em 2000 (Figura nº. 1). Segundo as projeções do IBGE as taxas de crescimento seguirão seu curso decrescente, atingindo, em 2050 o valor de 0,24. Em 2062, a população se estabilizará e, a partir daí, começará a declinar.

Figura nº. 1. Brasil - Taxas de natalidade e de mortalidade (por 1000)



Fonte: Elaborado a partir dos dados publicados pelo IBGE, Censos demográficos e dados da Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 – Revisão 2004.

As transformações que ocorrem na representação dos grupos etários da população brasileira no curso do processo de transição resultam nas tendências inversas de crescimento apresentadas pelos dois grupos “inativos”. Por um lado, a proporção de crianças e jovens de menos de 15 anos, que era de 41,80% em 1950, foi declinando progressivamente nas décadas subseqüentes até chegar ao nível de 29,60 em 2000 (Tabela nº 4). Em contraposição, a proporção de pessoas com 65 anos ou mais subiu gradativamente de 2,40 a 5,85% no mesmo período, sendo este o grupo que mais cresce na população⁵. (IBGE, 1973, 1982, 1991, 2001). As mesmas tendências são postas em evidência pelo índice de idosos, que relaciona o segmento dos idosos (65 anos ou mais) ao de jovens (0 a 14 anos). A relação, que era de 5,74 idosos para cada grupo de 100 jovens em 1950, subiu gradativamente para 19,76 em 2000.

Digno de nota é também o caso da Razão de Dependência, que apresenta uma tendência decrescente a partir da década de sessenta, relacionada à queda da fecundidade com conseqüente diminuição do peso da parcela jovem no numerador da relação. A razão de dependência continuará a declinar até que, a transferência de população ativa para o segmento dos idosos, associada ao alongamento da vida, provocará sua elevação. Isto ocorrerá, segundo previsões do IBGE, por volta de 2020-2025.

⁵ Em números absolutos, a população idosa duplicou nas duas últimas décadas, passando de um efetivo de 4.788.756 em 1980 a 9.935.100 em 2000.

Tabela nº. 4. Indicadores de idade – Brasil - 1950 a 2000

Ano	Índice de idosos	Proporção dos Grupos de idades			Razão de dependência
		0-14	15-64	65+	
1950	5,74	41,8	55,7	2,4	79,35
1960	6,78	42,80	54,30	2,90	84,16
1970	7,60	42,10	54,70	3,20	82,82
1980	10,54	38,23	57,74	4,03	73,19
1991	13,91	34,73	60,45	4,83	65,44
2000	19,76	29,60	64,55	5,85	54,92

Fonte: Elaborado a partir dos dados dos Censos publicados pelo IBGE

Dentre as implicações que essas tendências representam para as políticas públicas, pode-se inferir o aumento do volume de gastos da previdência, relacionando o número de pessoas que entram nos grupos potencialmente ativo e inativo: em 2000 esta relação era de 0,20, seja, para 100 pessoas que completavam 65 anos, haviam 500 pessoas que completavam 15 anos. Em 2050, os números se igualarão e a relação passará a ser igual à unidade (IBGE, Revisão 2004).

A Relação entre idosos (65 anos ou mais) e adultos (15-64), mede o peso da população idosa sobre a população potencialmente ativa, fornecendo igualmente medidas para avaliação de aposentadorias. Em 2000, o valor do índice, de 9,07 indica que, para cada grupo de 100 pessoas potencialmente ativas, haviam 9,07 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, a relação entre os grupos deverá ser de 29,72 idosos por 100 ativos.

Os dados do recenseamento de 2000 mostram a predominância feminina na população total do Brasil: existiam 96,93 homens por 100 mulheres. A representação desigual dos dois sexos cresce a partir das idades adultas, acentuando-se nas idades mais elevadas do grupo idoso: o índice de masculinidades do segmento de 65 anos ou mais é de 78,9 (IBGE, 2001). A Feminização do envelhecimento produz várias conseqüências, dentre as quais pode ser destacadas:

- Aumento dos cuidados e dos gastos com a saúde. As mulheres utilizam serviços de saúde especializados por um período mais longo. As idosas são acometidas por enfermidades que atingem com maior freqüência o sexo feminino, não somente pelo fato das mulheres atingirem idades mais elevadas, nas quais aumentam os riscos de doenças degenerativas, como porque os riscos de determinadas doenças são mais elevados para elas.

- Aumento dos gastos com aposentadorias e pensões. As mulheres utilizam o sistema previdenciário por maior tempo que o homem, em conseqüência dos efeitos combinados das diferenças de mortalidade, da idade média ao casamento segundo o sexo, como também devido aos critérios utilizados nas normas previdenciárias vigentes.

Primeiramente, as diferenças de mortalidade entre homens e mulheres resultam da forma diferencial como as doenças incidem segundo o sexo. O determinante principal desta seletividade é a diferença de resistência biológica dos sexos face às doenças. A maior fragilidade biológica do homem quanto às doenças em geral, explica grande parte das diversidades. Importantes também são os fatores ligados ao comportamento que geram exposições ao risco diferentes segundo os sexos. Estes fatores levam o homem a exceder-se mais com bebidas, utilização de drogas, de fumo, velocidade no trânsito, bem como o

envolvimento mais freqüente em situações perigosas e violentas e são responsáveis pelo forte grau de discriminação que caracteriza as mortes violentas, classificadas como Causas Externas. As diferenças de mortalidade são resumidas pelos valores da Esperança de Vida ao Nascimento em 2008, de 69,06 anos para o homem e de 76,66 para as mulheres (IBGE, 2004).

Por outro lado, fatores de ordem cultural e política influenciam o comportamento das populações e os níveis de seus indicadores. Com relação à nupcialidade, segundo o modelo cultural vigente, o homem tende a casar-se com mulheres mais jovens, num intervalo, em geral de 1 a 3 anos. Com relação à legislação para aposentadoria, a mulher é favorecida pelas normas atuais que estabelecem uma idade à aposentadoria, cinco anos menor para o sexo feminino, assim como a aplicação do fator previdenciário no cálculo da aposentadoria por tempo de contribuição, o qual utiliza um valor de sobrevida média para ambos os sexos. Deve-se ressaltar, no entanto, que os diferenciais de salários em favor do sexo masculino são ainda muito importantes⁶.

Os reflexos de uma população progressivamente envelhecida já começam a se fazer sentir em nossa sociedade e tendem a se ampliar rapidamente em um futuro próximo: as transformações em curso, tenderão a se completar neste século. Nos países desenvolvidos, que já atingiram a fase de equilíbrio do final do processo da transição, a proporção de idosos de 65 anos ou mais já é de 21% no Japão, 20% na Itália e 19% na Alemanha e na Grécia; e a tendência é o aumento progressivo desta representação (PRB, 2007). O Brasil está evoluindo rapidamente para estes patamares que serão atingidos em 2050: na primeira metade deste século a proporção de idosos de 65 anos ou mais subirá de 5,85, em 2000 a 18,82% em 2050 (IBGE, 2004). Por outro lado, o segmento de crianças apresentará tendência oposta, reduzindo-se gradualmente e igualando-se ao efetivo dos idosos.

Um aspecto importante a ser ressaltado é a distinção, dentro do grupo dos idosos, do segmento que pode levar sua vida com qualidade daquele que depende de cuidados especiais em sua rotina diária. O avanço da medicina e a melhoria das condições de vida propiciam o alongamento progressivo da expectativa de vida, fazendo crescer o número dos idosos que, na chamada “quarta idade”, tornam-se dependentes, demandando importantes investimentos em saúde e serviços especializados. No ano 2000 os centenários do Brasil já eram 24.576, 10.423 homens e 14.153 mulheres. Estes números apresentam tendência crescente, pois a evolução do conhecimento científico na área da saúde aponta para novas conquistas e ganhos de longevidade. O crescimento é maior para os grupos de idade mais elevada: segundo as projeções do IBGE, a população total apresentará um crescimento de 52,99% entre 2000 e 2050, enquanto que os grupos de 60+, 65+ e 80+ apresentarão percentuais elevados, na ordem de, respectivamente, 340,64; 392,18 e 650,43%.

O Brasil deverá completar na metade do século o modelo clássico da transição que, é oportuno ressaltar, poderá apresentar peculiaridades que alterem as tendências gerais prováveis (Tabutin, sd, Patarra e Ferreira, 1996). O país atingirá, nos meados do século, a esperança de vida dos países que atualmente apresentam maiores níveis de vida: 81,29 anos para os sexos reunidos, 78,16 para os homens e 84,54 para as mulheres. As taxas de fecundidade total, de 2,31 filhos por mulher em 2004, continuarão seu declínio, atingindo em

⁶ Com respeito ao tempo de utilização de benefícios previdenciários, considerando a diferença de esperança de vida, de 7,6 anos em favor da mulher, adicionada à diferença de idade ao casamento, e ainda a idade diferencial para a aposentadoria, chega-se a um período considerável durante o qual as mulheres receberão a pensão à que têm direito, após a morte de seus maridos, além de receberem suas próprias aposentadorias por tempo mais longo.

2023 o nível de 2,01, um marco importante, o nível de reposição das gerações, indicando que cada casal deve gerar pouco mais do que dois filhos, para que a população mantenha seu efetivo (IBGE, revisão 2004).

4 - O processo de envelhecimento no Espírito Santo e no município de Vitória

O processo de envelhecimento apresenta um ritmo mais acelerado no Espírito Santo. A idade mediana do Brasil, que representa a tendência média do país, subiu de 18,8 a 24,2 anos entre 1970 a 2000, enquanto que a do Espírito Santo evoluiu, no período, do nível inicialmente mais jovem que o do país, de 16,95; a uma idade mediana mais elevada que a média nacional, de 25,40 (tabela nº. 5). Enquanto a mediana brasileira apresentou um diferencial de 5,4 anos entre 1970 a 2000, à mediana inicial do Estado, foram acrescidos 8,45 anos.

Tabela nº. 5. Evolução dos Indicadores de idade - Espírito Santo - 1970 a 2000

Indicadores	ANOS			
	1970	1980	1991	2000
Grupos de idade (%): 0-14 anos	44,90	38,80	34,87	28,70
15-64 anos	52,29	57,41	60,79	65,77
65 anos ou mais	2,81	3,79	4,34	5,53
Razão de Dependência	91,24	74,19	64,50	52,05
Idade média	21,66	23,46	25,64	28,82
Idade mediana	16,95	19,57	22,62	25,40
Índice de Idosos	6,26	9,77	12,45	19,27

Fonte: Elaborado a partir dos dados do IBGE, Censos (1980 a 2000)

A proporção de crianças e jovens de menos de 15 anos foi declinando progressivamente de 44,9% em 1970 ao nível de 28,7 em 2000. Concomitantemente, a proporção de pessoas de mais de 65 anos subiu gradativamente de 2,81 à 5,53% no referido período. O comportamento do índice de masculinidade apresenta as mesmas tendências observadas para a população brasileira. O valor geral de 98,2 homens por 100 mulheres diminui progressivamente ao longo da idade: no segmento de 60 anos ou mais, o valor do índice é de 84,71 homens para cada grupo de 100 mulheres, diminui paulatinamente para 82,88 no grupo de 65 anos ou mais e, ainda para 68,09 homens por 100 mulheres quando se considera o grupo de 85 anos ou mais.

O Município da Capital apresenta tendências gerais semelhantes às observadas no país e no estado do Espírito Santo, não obstante, são observadas algumas particularidades. A primeira dessas particularidades advém do ritmo mais acelerado do processo da transição. Em um estado com fortes tradições rurais, como era o Espírito Santo nos meados do século, foi esta região mais urbanizada a primeira a se beneficiar da modernização e das transformações subjacentes que modificam os comportamentos demográficos. Em 1970 os jovens representavam 38,50% da população e os idosos eram 3,16%. Em 2000, estas proporções passaram para, respectivamente, 24,25 e 6,19. A relação idosos/crianças mostra um nível mais elevado para Vitória em todo o período analisado: em 1970 a relação era de 8,21 em Vitória contra 6,26 do Espírito Santo, evoluindo até 2000, para os valores de 25,53 para Vitória contra o índice geral do Estado, de 19,27 idosos por 100 crianças (Tabela nº. 6).

Tabela nº. 6. Indicadores de idade e sexo - Vitória - 1970 a 2000

Ano	Proporção dos grupos etários			Índice de Idosos (por 100)	Índice de Masculinidade da População	Razão de Dependência
	0-14	15-64	65+			
1970	38,50	58,34	3,16	8,21	89,74	71,4
1980	32,67	63,50	3,83	11,72	90,71	57,5
1991	30,34	65,12	4,55	15,00	89,38	53,6
2000	24,25	69,55	6,19	25,53	89,36	43,8

Outro aspecto a ser evidenciado é o efeito da seletividade migratória. A representação da população potencialmente ativa é maior em Vitória em todo o período considerado, devido aos imigrantes que se dirigiram para a capital, engrossando o contingente dos grupos de jovens e adultos. Vale ressaltar que o Estado também apresenta esta característica, e que os valores do Estado refletem o comportamento de Vitória e demais unidades atrativas que formam a Região da Capital. Isto faz com que o valor da Razão de Dependência seja mais baixo para Vitória, 43,8 ativos por 100 inativos em 2000, comparado ao do Espírito Santo (52,05) e ao do Brasil (54,92).

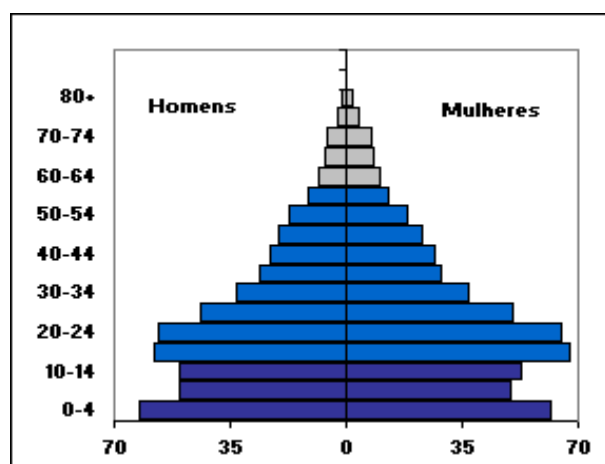
Bem particulares são os valores da repartição da população por sexo. A relação é de 89,36 homens por 100 mulheres em 2000. Os valores do índice em Vitória decorrem também da seletividade, desta vez por sexo, do processo migratório. A expansão urbana criou um leque de oportunidades de trabalho que atraem majoritariamente mulheres que aí encontram empregos nos setores menos especializados. A predominância feminina caracteriza a migração rural-urbana oriunda do interior do Estado e das áreas próximas da Bahia e de Minas Gerais em direção à Grande Vitória.

As pirâmides de Vitória (Figuras 2 e 3) apresentam peculiaridades na estrutura etária e na distribuição por sexo que refletem as mudanças decorrentes do processo da transição demográfica, como também as mudanças ocorridas no contexto sócio-econômico do Estado durante as últimas décadas⁷. À medida que se consolida a expansão urbano-industrial, registra-se uma inversão nas tendências migratórias: o Espírito Santo, expulsor de mão-de-obra durante as décadas dos meados do século, passa nas décadas finais do século XX a apresentar um saldo migratório positivo que aumenta na medida em que novos investimentos se concretizam. A região da Capital, que concentra a maioria dessas novas oportunidades, apresenta-se como a mais dinâmica e, conseqüentemente mais atrativa para os imigrantes cujo contingente é responsável pela maior representação das barras que representam os grupos de 20 a 30 anos nas pirâmides, idades em que as pessoas são mais propensas a migrar.

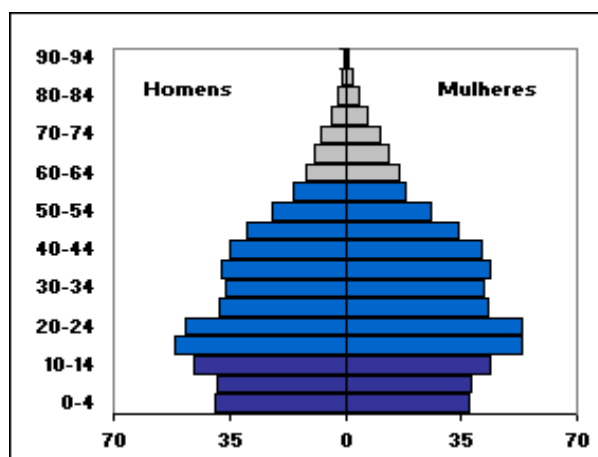
O efeito da migração pode ser observado na pirâmide de Vitória de 1980. As barras que representam os grupos de 15 a 25 anos apresentam-se inchados pelo efeito direto aportado pelo saldo migratório. A base da pirâmide que representa as crianças de 0 a 4 anos reflete o efeito indireto da migração: os filhos que os migrantes trazem consigo ou têm após sua chegada. (Castiglioni, 1989). Na pirâmide de 2000, aparecem os efeitos conjugados da transição: a redução da natalidade e o aumento da longevidade; assim como os efeitos da seletividade migratória traduzidos pela ampliação das barras que representam as idades de 15 a 25 anos, assim como pela maior representação feminina.

⁷ Tais mudanças, associadas à pressão demográfica no campo, a fragmentação das pequenas propriedades, a introdução da mecanização no campo, a substituição da cultura do café pela pecuária, provocaram, inicialmente, um intenso êxodo rural dirigido não só para a Grande Vitória como para outros Estados.

**Figura nº. 2 - Pirâmide Etária
Vitória - 1980**



**Figura nº. 3 - Pirâmide Etária
Vitória - 2000**



Os fluxos migratórios que marcaram as formas das pirâmides de Vitória têm composições diferentes. Os migrantes da pirâmide de 1980 representam majoritariamente o excedente de população pouco instruída e pouco especializada liberado das atividades rurais. Com relação à estrutura de 2000, os imigrantes que se fixam em Vitória contêm uma parcela importante de mão-de-obra especializada atraída pelas oportunidades de trabalho qualificado oferecidas pela expansão das atividades econômicas na Capital.

5. As Regiões Administrativas de Vitória e seus Bairros

Com uma área de apenas 93 Km², Vitória configura-se como um pequeno Município, formado pelos Distritos de Vitória e Goiabeiras, subdivididos em numerosos bairros que compõem 7 Regiões Administrativas (Figura nº. 4)⁸.

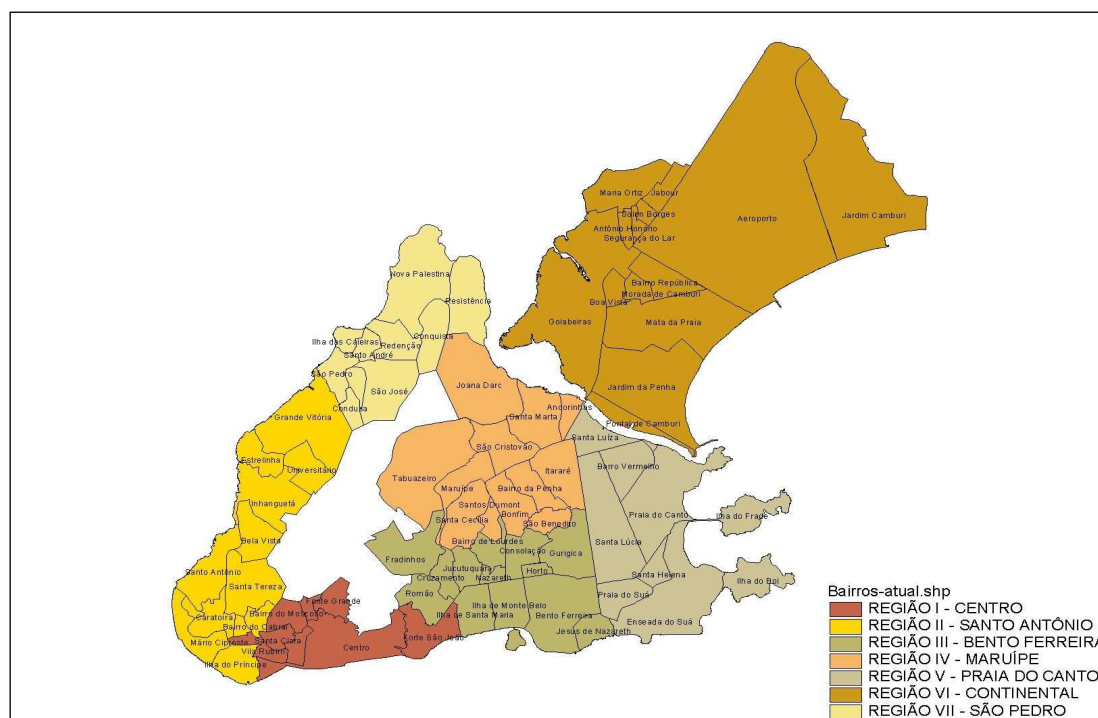
Embora o Município de Vitória represente apenas 0,20% do território estadual, seus bairros apresentam-se bem diferenciados com relação a vários aspectos sócio-econômicos. Segundo os dados de 2000, os valores dos indicadores de envelhecimento de Vitória, que representam o comportamento médio do Município, eram de 6,19 para o índice de envelhecimento e de 25,53 para a relação idosos/crianças. As Regiões do Centro, Praia do Canto e Bento Ferreira/Jucutuquara têm indicadores de envelhecimento superiores aos níveis médios do Município, as regiões de Maruípe, Continente e Santo Antônio apresentam comportamento médio ao passo que São Pedro apresenta-se como a mais jovem (Tabela nº. 7).

A Região do Centro, a mais envelhecida, tem, em média, 11,51 pessoas de 65 anos ou mais em cada grupo de 100 pessoas. Situam-se nesta região alguns dos bairros com os maiores índices de senilidade do Município: o Parque Moscoso, com 14,96 pessoas de 65 anos ou mais por cem pessoas da população, o Centro, com 14,07 e Santa Clara, com 12,88.

A proporção de mulheres, de 54,30% na população da Região sobe para 63,96% quando se considera a população idosa. A predominância feminina é maior nos bairros mais envelhecidos, o Centro, com 50,29 homens por 100 mulheres, o Parque Moscoso 62,25 e a Vila Rubim, 53,71. Estes números refletem não somente a maior longevidade feminina como

⁸ Para o presente estudo foi utilizada a publicação da Secretaria de Desenvolvimento da Cidade, da Prefeitura Municipal de Vitória: Informações do Censo 2000 (Dados do Universo): Município de Vitória, na qual constam os dados que serviram de base para construção de indicadores e para a análise das Regiões e dos Bairros.

Figura nº. 4. Regiões Administrativas de Vitória - 2000



como também a preferência que as mulheres idosas apresentam pela residência no Centro, que apresenta um número importante de domicílios unipessoais, habitados, sobretudo por mulheres idosas. O Centro era, até poucas décadas atrás, o bairro habitacional que abrigava parte considerável das famílias tradicionais da região. Com o processo de evolução urbana ocorreu a transferência de muitas famílias para outros bairros e o Centro passou a ser cada vez mais ocupado por atividades administrativas e comerciais. Muitos dos idosos que aí residem têm ligação afetiva com o bairro, pois pertencem ao contingente de antigos moradores que aí permaneceu, tendo toda sua história de vida estreitamente ligada à história da região. A preferência feminina pela moradia do Centro não é exclusividade de Vitória, esta tendência é verificada em várias cidades. O valor da Razão de Dependência (47,53), que relaciona inativos com ativos, refletem muito mais o impacto da queda da fecundidade, que provocou significativa redução na representação das crianças, do que o aumento da longevidade.

Tabela nº. 7. Indicadores demográficos das Regiões Administrativas de Vitória - 2000

Regiões Administrativas	Proporção de Idosos (65+)	Índice de Idosos (65+)	Índice de Masculinidade dos idosos	Razão de Dependência
Região I - Centro	11,51	55,58	55,84	47,53
Região II – Santo Antônio	5,81	20,80	61,38	50,96
Região III - Bento Ferreira/Jucutuquara	7,12	27,27	64,14	49,56
Região IV - Maruípe	5,64	21,13	67,75	47,76
Região V – Praia do Canto	8,72	50,16	62,34	35,30
Região VI - Continente	5,63	27,84	64,14	34,87
Região VII – São Pedro	2,79	8,14	75,82	58,79

A Região II, Santo Antônio classifica-se como uma região média em tamanho, população e densidade. O valor médio do índice de envelhecimento, de 5,81% é próximo à média do Município, mas seus bairros não apresentam um comportamento homogêneo: os valores do índice de envelhecimento variam no intervalo de 3,33 a 8,94%. A Região Administrativa III – Bento Ferreira/Jucutuquara apresenta valores médios para população, extensão e densidade. Seu indicador de envelhecimento é superior ao do Município, e, é grande a dispersão em torno deste valor, pois é a região mais heterogênea de Vitória com relação às características demográficas consideradas: nela agrupam-se bairros jovens, com proporções de idosos em torno de 4, em contraposição aos índices elevados de cerca de 14%. A Região nº. IV, Maruípe, é a mais densamente povoada do conjunto e a segunda em população absoluta. Todos os indicadores apresentam tendências médias.

As unidades que compõem a Região V, Praia do Canto, apresentam comportamento bastante similar com relação aos indicadores considerados. A região ocupa o segundo lugar quanto aos indicadores do processo de envelhecimento, vindo após o Centro. No bairro da Praia do Canto, que abriga a maior população da Região concentra-se cerca da metade da população idosa da Região V (50,77%).

A Região VI, Continente, é a maior dentre as regiões, ocupando 37,27% da área total do município, é também a que apresenta maior número de unidades e a maior população. É a região que possui maior área livre, como indica sua densidade, a menor do conjunto. Quanto aos indicadores de envelhecimento, esta região apresenta-se como um agrupamento muito heterogêneo, como indica a amplitude de 7,67 pontos percentuais entre os valores extremos do índice de envelhecimento e de 49,23 no caso do índice de idosos.

A Região VII, São Pedro é a segunda menor do conjunto em extensão e terceira menor em número de habitantes, porém sua densidade é elevada. Apresenta-se como uma região bem particular, tendo por características uma pequena variabilidade intra-classe, dada a similaridade de suas unidades e, ao mesmo tempo, uma grande variação inter-grupos, aparecendo como um conjunto bem diferenciado dos demais. É o que mostram os valores muito baixos das medidas comparadas: os idosos representam apenas 2,79% da população e, a relação idosos/crianças atinge o valor mínimo de 8,14 idosos por grupo de 100 crianças. A homogeneidade interna é bem retratada pela amplitude do índice de envelhecimento, que tem por valor mínimo 2,00% no bairro Conquista e por máximo 3,63 na Condusa. Os idosos são pouco representados com relação às crianças em todos estes bairros de formação recente: no Bairro Conquista, registrou-se o valor mínimo de 4,87 residentes idosos por 100 crianças.

O bairro de São Pedro formou-se e cresceu recentemente como resultado da imigração da população menos favorecida que buscava moradia mais barata na Capital do Estado. Vieram muitas famílias, com seus filhos, assim como jovens que migraram para procurar ou para mudar de emprego. Dentre os jovens, muitos são solteiros, outros se casaram recentemente, e vários deles formam famílias após a chegada ao local de destino. O valor da Razão de Dependência, de 58,79, bem mais elevado que os apresentados pelos outros grupos, é determinado pelo segmento das crianças, mais numerosas entre famílias de menor renda, menor escolaridade, ou provenientes de regiões com modelo de fecundidade mais elevado, como é o caso dos migrantes vindos do interior ou de regiões menos desenvolvidas.

As pirâmides etárias das Regiões Administrativas traduzem as evoluções das estruturas etárias ao longo do tempo, em função de características demográficas - fecundidade, mortalidade e migrações – e dos acontecimentos históricos que marcam a vida das gerações nelas representadas. As pirâmides etárias, representadas pelas figuras nº. 5 a 12, mostram que tanto Vitória como seus bairros, possuem características particulares, com formas e irregularidades que as tornam diferentes das usualmente apresentadas nos modelos clássicos.

Figura nº. 5. Município de Vitória

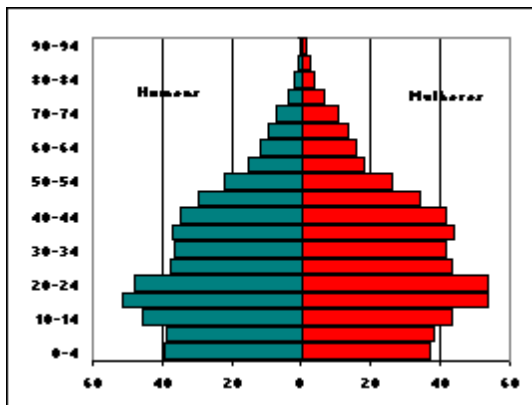


Figura nº. 6. Região I - Centro

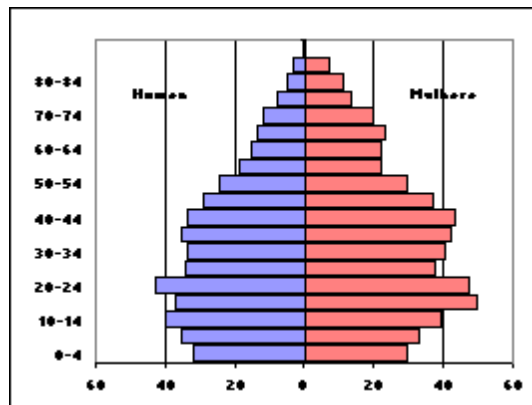


Figura nº. 7. Região II - Santo Antônio

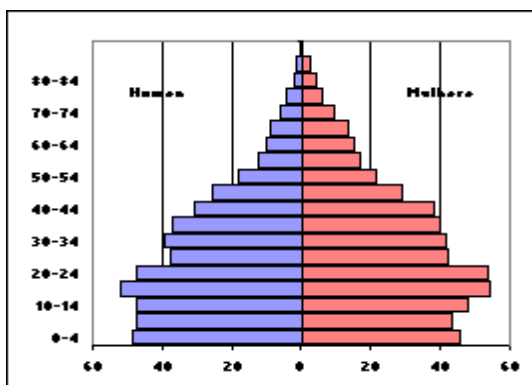


Figura nº. 8. Região III - Bento F./Jucutuquara

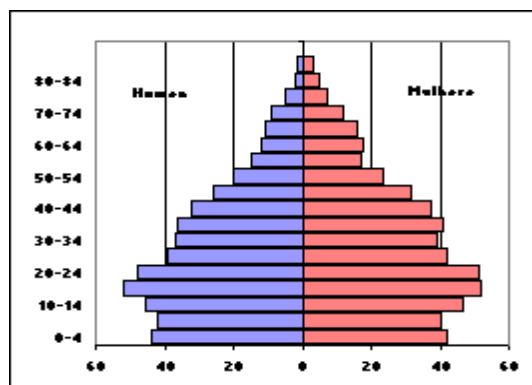


Figura nº. 9. Região IV - Maruípe

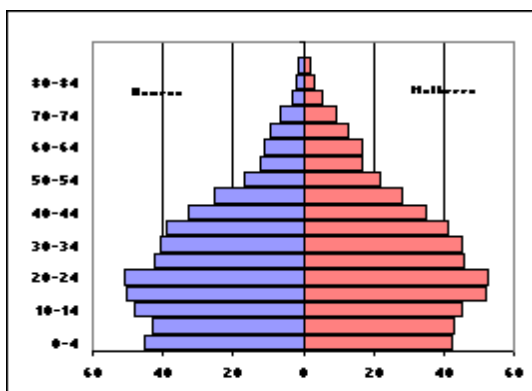


Figura nº. 10. Região V - Praia do Canto

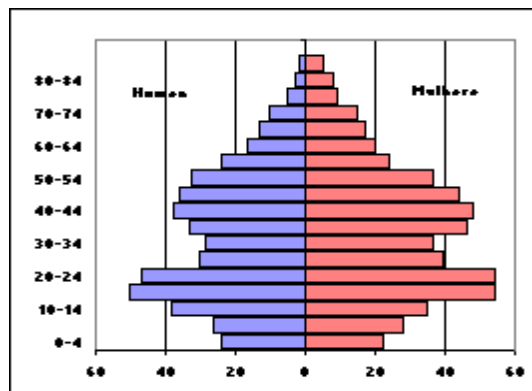


Figura nº. 11. Região VI - Continente

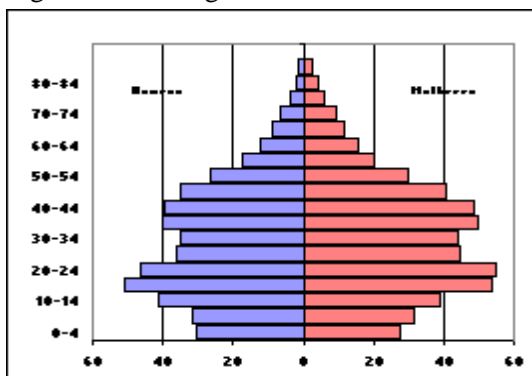
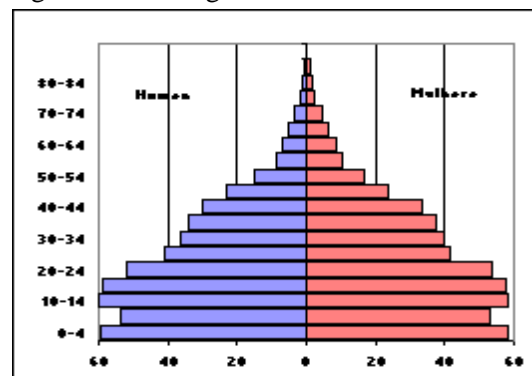


Figura nº. 12. Região VII - São Pedro



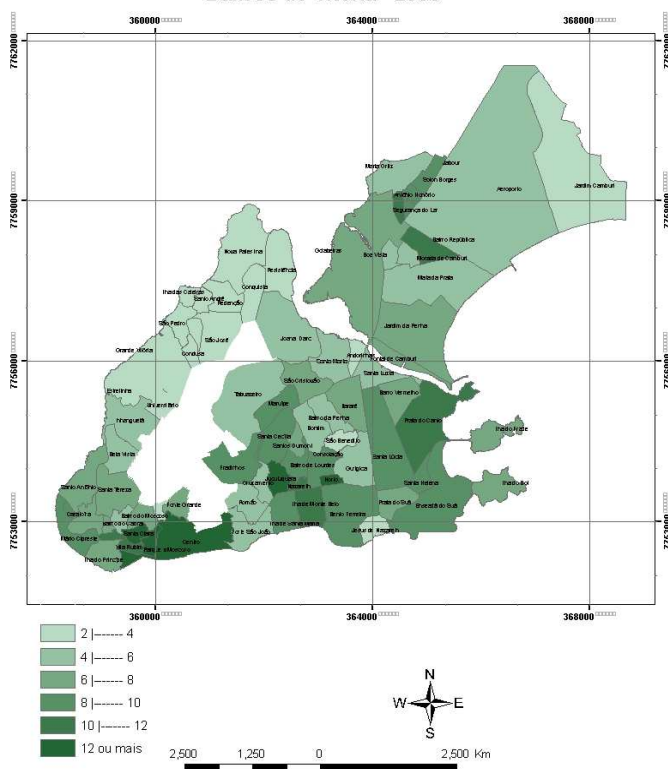
As pirâmides das regiões II - Santo Antônio, III - Bento Ferreira/Jucutuquara e IV - Maruípe, apresentam, grosso modo, formas similares à de Vitória, todas com uma representação maior de crianças. As demais apresentam formas peculiares. A do Centro chama atenção pela base mais truncada, que reflete a menor representação das crianças, pelo “inchaço” do topo, cujo engrossamento reflete o envelhecimento e, também pela maior representação das mulheres na população. As Regiões V - Praia do Canto e VI - Continente, apresentam modelos semelhantes, caracterizados por baixa natalidade e grande representação de migrantes, de idosos e de mulheres, características estas bem mais marcadas na Região da Praia do Canto. Já a pirâmide da Região VII - São Pedro, apresenta a maior representação de toda a base da pirâmide, das barras de 0 a 30 anos, que traduzem natalidade mais elevada assim como a contribuição da migração.

No agrupamento dos bairros que apresentam similaridade em relação aos indicadores de envelhecimento, pode-se observar que as regionalizações formadas tomando como critério os níveis dos indicadores não correspondem ao agrupamento oficial (figuras nº. 13 a 14). Os bairros formam regiões descontínuas no espaço considerando-se os dois indicadores de envelhecimento representados. A Região de São Pedro forma o conjunto mais homogêneo, considerando-se tanto a divisão oficial quanto a regionalização feita a partir dos indicadores. Esta região destaca-se também como um conjunto particular, que se distingue dos demais.

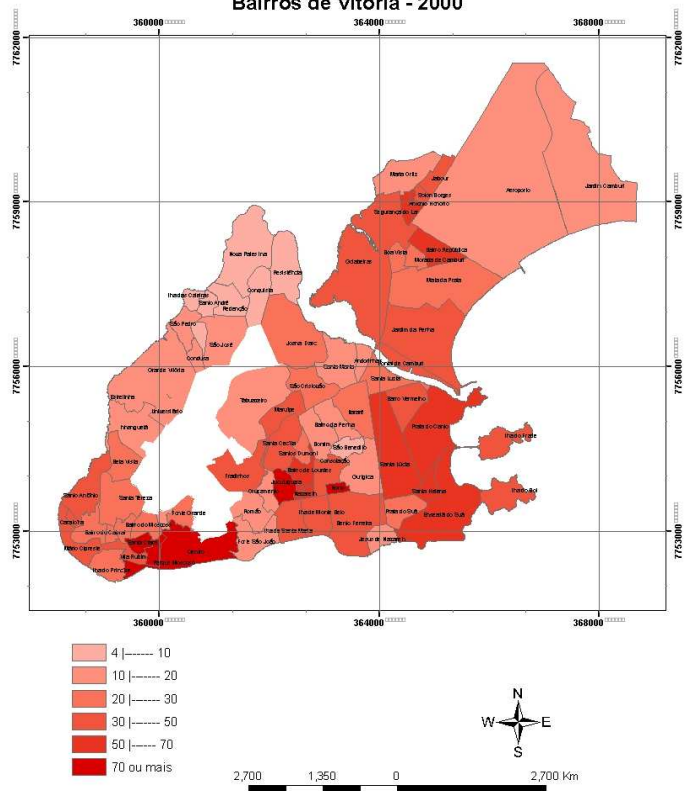
Figura nº. 13.

Figura nº. 14.

Proporção de Pessoas de 65 anos ou mais residentes nos Bairros de Vitória - 2000



Índice de Idosos (Pessoas de 65 anos ou mais) Bairros de Vitória - 2000



6. Considerações finais

Todos os indicadores analisados mostram a evolução do processo de envelhecimento nos contextos analisados. As taxas de crescimento da população brasileira deverão prosseguir em seu curso decrescente e na segunda metade do século a população se estabilizará e, a partir daí, começará a declinar. O Brasil apresentará então predomínio dos idosos sobre as crianças: serão 17,83% de crianças e jovens contra 18,82% de idosos e a relação idosos/crianças atingirá o valor de 100 a 105 idosos por 100 crianças em 2050 (IBGE, 2004).

O Espírito Santo apresenta tendências similares às do país, porém o processo neste estado ocorre a um ritmo mais rápido. Vitória, a capital, apresenta-se como um caso particular: são observadas algumas especificidades, decorrentes, sobretudo, do ritmo diferencial da evolução dos componentes do crescimento natural e das características particulares do processo migratório. Embora o município de Vitória seja pouco extenso, seus bairros apresentam comportamentos diferenciais com relação ao fenômeno estudado. O planejamento de políticas públicas deverá considerar a modificação gradativa dos pesos dos segmentos de crianças, adultos e idosos, e adequar seus programas para o atendimento das necessidades e demandas específicas de cada um destes segmentos.

As características contrastantes dos modelos demográficos existentes nas regiões do mundo evoluem para diferentes futuros demográficos. Em muitos países em desenvolvimento, as taxas de natalidade, embora declinantes, continuam elevadas, garantindo-lhes ainda um longo período de crescimento que manterá elevada a representação das crianças no segmento dos inativos, agravando a situação de pobreza, característica de muitas destas regiões. Em situação oposta, nos países de desenvolvimento mais avançado, os mais baixos níveis de natalidade associados às proporções cada vez mais elevadas de idosos apontam para um regime demográfico de complexidade crescente, no qual também o segmento dos inativos, desta feita, o sub-grupo dos idosos exige elevados investimentos. Não obstante a diversidade dos regimes demográficos atualmente em vigor, como de suas evoluções, um denominador comum se apresenta e, progressivamente, operará no sentido de diminuir tais diversidades: o curso provável do processo da transição demográfica.

6. Referências

BLANXART, Monserrat Freixa i et al. **Análisis exploratorio de datos: nuevas técnicas estadísticas**, Barcelona:Promociones y Publicaciones Universitarias, 1992.

CAMARANO, Ana Amélia. **Envelhecimento da População Brasileira: Uma contribuição Demográfica**. Texto para discussão n°. 858, RJ:IPEA, 2002.

CASELLI, Graziella, VALLIN, Jacques. Mortality and Population Ageing. **European Journal of Population**, v. 6, 1990, p. 1-25.

CASTIGLIONI, Aurélia H. **Migration, urbanisation et développement. Le cas de l'Espírito Santo - Brésil**, Bruxelles:CIACO, 1989.

DUCHENE, Josianne et WUNSCH, Guillaume. Population-type optimale et composante principale, **Population et Famille**, 49 , p 23-30, 1980.

GEORGE, Pierre. **Geografia da População**, SP:DIFEL,1986.

IBGE- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico-VIII Recenseamento Geral – 1970**, RJ:IBGE, 1973.

IBGE- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico-dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade, IX recenseamento Geral do Brasil**, Vol. I, Tomo 4, no. 1, RJ, 1982.

IBGE- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico. ES**, 1991, RJ.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000**, RJ:IBGE, 2001.

IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. **Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 – Revisão 2004**.

LEGARE, Jacques. Conséquences économiques, sociales et culturelles du vieillissement de la population, in CASELLI, Graziella, VALLIN, J. et WUNSCH. **Démographie: analyse et synthèse. VI – Populations et Société**, Paris:INED, 2004.

MOREIRA, Morvan de M. Envelhecimento da população brasileira: aspectos gerais in WONG, Laura L. Rodriguez (org.), **O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade**, Belo Horizonte:UFMG/Cedeplar:ABEP, 2001, p. 25-56.

PRB – POPULATION REFERENCE BUREAU, **2007 World Population Data Sheet**. Washington:PRB, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Secretaria de Desenvolvimento da Cidade **Informações do Censo 2000: Município de Vitória**, Vitória, DEZ/2002.

PÈPE, P. e TISSERAND-PERRIER, M. **Méthodes Statistiques dans les Sciences Humaines**, Paris:Masson, 1962

TABUTIN, Dominique. **Problèmes de Transition Démographique, Tome 1: Schémas classiques, problèmes d'analyse, interactions mouvements-structures**, LLN:UCL.

UNITED NATIONS. POPULATION DIVISION. The cause of the Ageing of Populations: declining mortality or declining fertility. **Population Bulletin of the United Nations**, New York, n. 4, p. 30-38, 1954.

WONG, Laura L. Rodriguez (Org.). **O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR: ABEP, 2001.

VOLLE, Michel. **Analyse des données**, Paris:Economica, 1985, 324p.

PATARRA, Neide L. e FERREIRA, Carlos E. **Repensando a transição demográfica: formulações, críticas e perspectivas de análise**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 1996.

UNITED NATIONS. **United Nations Development Program**, 2007.